

Jornais escolares e a promoção da literacia cívica e mediática

MARIA JOSÉ BRITES

CIMJ, FCT e ULP

britesmariajose@gmail.com

Resumo:

A junção entre o jornalismo escolar, a participação noutros media noticiosos e a capacidade para identificar assuntos de carácter sociopolítico estiveram na base deste artigo. Analisámos 13 entrevistas semi-estruturadas e 34 artigos escritos por jovens em jornais que participaram no Concurso Nacional de Jornais Escolares promovido pelo Público (2008/2009) intitulado: "Por que é que a política também é para nós?" A análise das entrevistas revelou representações positivas da participação nos jornais escolares. Foram, ainda, capazes de identificar de forma crítica as notícias da actualidade, incidindo na política, na sociedade e na economia. Já nos artigos, as referências cingiram-se, sobretudo, às formas tradicionais de participação e à opinião sobre política num sentido mais restrito.

Tendo em vista uma melhoria da literacia das notícias e da participação, será de fomentar projectos nos quais os alunos tenham voz e possam ter agência para serem eles próprios os elementos principais do projecto, fomentar o uso do online, promover acções de sensibilização junto das famílias e potenciar os usos do digital por parte dos jovens.

Palavras-chave: jovens, jornais escolares, participação e cidadania.

A Convenção dos Direitos da Criança (1989) constitui um bom ponto de partida para o estudo dos contextos em que os jovens se inserem na produção de jornais escolares, historicamente entre os primeiros recursos mediáticos usados nas escolas. Os artigos 12.º e 13.º são de grande relevância. Ter em conta a opinião da criança em matérias que lhe dizem respeito, assegurar a liberdade de expressão dos seus pontos de vista, bem como conseguir informações e dar a conhecer as suas ideias, são elementos estruturantes. Isto, se quisermos pensar os jornais escolares como espaços de criatividade e de potenciação da ligação à escola e à comunidade envolvente, de promoção da capacidade de expressão e de um real fomento através da prática de uma actividade que pode criar estruturas de cidadania.

Quando o pedagogo francês Célestin Freinet, considerado o pai da imprensa na escola, já no início do século XX se dedicava a contribuir para a disseminação de jornais escolares, pensava-os para que os alunos fossem elementos nucleares nesse processo, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento e da acção deles. A sua proposta assentava na produção de texto livre. Eram os alunos que produziam, decidiam o que publicar, organizavam o jornal e tratavam da sua impressão na escola, bem como da posterior distribuição. Os alunos eram os motivadores e os principais interlocutores deste processo. Este constitui um suporte para a discussão e a capacidade para cada um conseguir proporcionar um sentido de crítica e partilha de ideias e mesmo a gestão de relações de poder (edição dos textos). "Um jornal escolar não está, não pode estar, não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminua o alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida." (Freinet, 1974: 78)

Especialmente inspirado por um jornal escolar belga, *Correio da Escola*, da Escola Decroly, Freinet advogava que o facto de o jovem participar no processo desde o início até à composição tipográfica fazia com que sentisse o texto. A ideia base da liberdade de expressão dos alunos parece ser a fundamental.

A par de Freinet, importa nomear outros precursores importantes, como Janus Korzác, Ovide Decroly, Paul Robin e John Dewey. Se Freinet é considerado pioneiro na utilização de jornais escolares como meios de ensino e de educação, mas também como espaços de empoderamento dos alunos, o emprego sistemático dos mesmos na educação surgiu nos Estados Unidos em 1932, através de uma iniciativa do *The New York Times*, que distribuía as suas edições nas escolas.

O pedagogo francês enalteceu a importância dos jovens se dedicarem não apenas ao consumo dos jornais mas também à sua produção como método de iniciação cívica (Freinet, 1974: 113). São narrações da vida e do quotidiano, que mostram interesses e sentido sobre o mundo. As actividades extracurriculares são muito relevantes no processo de engajamento e de geração de comportamentos e de valores cívicos.

Manuel Pinto identifica três vantagens e níveis de utilização da imprensa na escola: o pedagógico-didáctico, mais centrado no trabalho na sala de aula; o sócio-pessoal, contribuindo para a cooperação entre os alunos e sequente reflexão em torno de causas, promovendo também a aprendizagem sob o ponto de vista do outro. Por último, Manuel Pinto reconhece um nível macro, no qual é dada relevância à relação da escola com o exterior. Como refere o autor, é “um ensaio de compreensão do mundo em que vivemos e, na medida do possível, uma procura das melhores vias para a intervenção nessa realidade” (1995: 40).

Reconhece-se, desta forma, a importância de se levar o jornal para a sala de aula e para a escola, numa perspectiva de promoção da educomunicação (tendo como ponte de ligação o reconhecimento de uma complementaridade entre a educação e comunicação e não de uma disputa). A criação e formação de cidadãos críticos está dependente do reconhecimento de que vivemos numa sociedade onde os media interferem directamente nas formas de pensar e de agir (Faustino, Martinho, et al, 2007: 53). O jornal escolar terá tanta mais relevância em termos de promoção da cidadania quanto mais disseminado estiver na comunidade escolar (Gonçalves, 2007: 1963)

Palavras-chave:

jovens, jornais escolares, participação e cidadania.

Ligação ao meio envolvente

Um dos aspectos já aqui reforçado foi a ideia da utilidade que o jornal escolar pode ter na ligação dos alunos ao meio envolvente. O jornal escolar é uma ferramenta muito valiosa para a transmissão e enraizamento de conhecimentos junto da população escolar, se a encararmos como um espaço de produção mediática e ao mesmo tempo de contacto dos alunos com os assuntos escolares, do meio envolvente à comunidade escolar e também à sociedade civil. *Nos jornais escolares os assuntos podem ser explicados por jovens a jovens*. Esta é a sua força. Pode constituir uma vantagem do ponto de vista da codificação e descodificação numa linguagem mais acessível.

O jornalismo continua a ser uma fonte primária de acesso ao debate político na esfera pública (Buckingham, 2006: 218). O próprio Buckingham chama a atenção para o facto de os assuntos sobre educação poderem constituir ligações entre a micropolítica do dia-a-dia e a macropolítica institucional (2006: 34).

No quadro do presente artigo, pensamos a conexão mediada tendo como pano de fundo uma ideia alargada de política, ou seja, fora das estruturas primárias do mundo institucional da política, descentrando para outras formas de intervenção que são mais consentâneas com as preocupações das questões que afectam mais directamente e diariamente os cidadãos.

Kum-Kum Bhavnani, num estudo qualitativo realizado em meados dos anos 80 com jovens britânicos, põe em causa a definição tradicional de política e reclama uma definição mais alargada. Assuntos como o desemprego e as experiências do dia-a-dia, segundo a autora, podem ser vistos como implicitamente políticos (2010: 52 e 53). Outro estudo mais recente, desenvolvido em cinco países distintos que colaboraram num projecto de criação de jornais escolares em escolas primárias (França, Escócia, Rússia, Gâmbia e Inglaterra), identifica alguns temas comuns: a poluição, a conservação, as relações pessoais (Holden e Clough, 2000: 216).

Ter cidadãos informados é um valor incontestado e pode contribuir para um aumento da participação (Milner, 2009: 187) e a aproximação à educação cívica deve incluir a dimensão política em vez de a excluir. Milner centra a sua abordagem na relação entre a participação política e o conhecimento político (2002: 2). O autor propõe uma viragem da confiança para o conhecimento como meio de potenciação de um capital social (2002: 5).

Interessa-nos a ideia de um modelo de literacia que entende a literacia cívica como o conhecimento e a capacidade que os cidadãos vão adquirindo para darem sentido aos seus espaços políticos. A literacia é apresentada como um ponto de partida e também um ponto de chegada. Ou seja, é um meio para atingir certos fins, mas o fim em si mesmo. A literacia cívica é um efeito e uma causa, é um “círculo virtuoso” (Milner, 2002: 3).

Quando nos referimos aos media e ao jornalismo, nos nossos dias, já não é possível pensá-los sem os enquadrar num ambiente mais vasto, quer mediático, quer pessoal. A educação e a literacia são processos de aprendizagem ao longo da vida, uma caminhada para um empoderamento onde os indivíduos e o colectivo têm responsabilidades (Frau-Meigs, 2008: 173), num mundo onde os dispositivos mediáticos e digitais são incontornáveis, tornando-se eles mesmo parte desse real.

A trajectória portuguesa

É difícil determinar historicamente os primeiros projectos, sendo que há referências que remontam ao século XVIII. Em Portugal, a publicação identificada como a mais antiga é a do jornal *A Mocidade*, do início do século XIX. O crescimento dos títulos verificou-se, sobretudo, na segunda metade do século passado, em diversos graus de ensino. Além das escolas de nível médio e superior, os jornais escolares também começaram a ser produzidos pelas escolas dos mais novos. O 25 de Abril de 1974 trouxe mudanças, alguns títulos foram fechados, mas os sinais da liberdade também se aplicaram ao jornalismo escolar. “Animados pelos ventos da liberdade, alunos, professores e escolas avançaram, podemos mesmo dizer, em força para o jornalismo escolar, com o aparecimento de variados títulos, mesmo mais do que um na mesma escola, defendendo sectores e ideias diferentes, entre os quais destacamos diversos títulos da responsabilidade exclusiva de alunos” (Gonçalves, 2007: 1956). A evolução positiva manteve-se na década de 80 e na de 90 os jornais escolares começaram a modernizar-se em termos tecnológicos.

O chamado jornal escolar de *tipo Freinet*, que, como já vimos, pressupõe que o conteúdo do texto seja expresso de forma livre ([Freinet](#), 1974: 17), um século depois ainda não está totalmente implementado. Se olharmos para a realidade nacional, é evidente que os jornais escolares constituem espaços relevantes de participação em Portugal em comparação com outros países europeus (Ribeiro e Menezes, 2009: 69). Apesar de o investimento nos jornais escolares em Portugal ter

conhecido nas últimas décadas uma certa revitalização no número de títulos, se formos olhar para os processos produtivos e pedagógicos, a sua relevância nem sempre é a desejável. Tendo em conta que estes projectos nem sempre contam com a envolvimento e prevalência dos alunos na sua concretização, desde a organização até à expedição. Em “Portugal são publicados sobretudo jornais escolares, por partirem da iniciativa dos professores, mas que não estão sempre associados a um projecto pedagógico” (Tomé, 2008: 134).

Um número restrito de projectos tem fomentado o uso do jornal escolar como ferramenta de promoção da literacia para os media e para cidadania em Portugal.

O Projecto Público na escola foi criado em 1990, por altura do lançamento do próprio jornal, e, além de ser pioneiro, tem contribuído em boa parte para o fortalecimento e crescimento dos jornais escolares em Portugal, como instrumentos de pedagogia e de reflexão crítica, especialmente entre os jovens, para que tenham uma maior “consciência dos seus direitos e possibilidades de acção face à comunicação social, ajudando-os, nomeadamente, a descodificar a linguagem da imprensa e dos *media* em geral”. Este projecto, que tem sido liderado por jornalistas (actualmente por Eduardo Madureira), tem tido o apoio do Ministério da Educação. Este programa desenvolve outros elementos educativos para além do concurso, pois publica um boletim e os Cadernos Público na Escola, documentos importantes de apoio aos professores.

Entretanto, outras iniciativas foram sendo criadas, como o Projecto de Educação para os Media (Castelo Branco, 2007-2011), suportado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo *Semanário Reconquista*. Também é liderado por um jornalista, Vitor Tomé, tendo como uma das suas inovações a distribuição de um CD-rom e de material de apoio aos professores. Existem outros projectos ligados a jornais, com características diversas dos dois anteriores, que promovem a literacia para o jornalismo, como N@escolas Projecto Educativo, do *Diário de Notícias*, e os MEDIALAB (*Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*).

Enquadramento metodológico

Neste artigo analisámos 13 entrevistas semi-estruturadas com jovens que participam em jornais escolares, realizadas no âmbito de um projecto de doutoramento financiado pela FCT (SFRH/BD/47530/2008), e, em complemento, observámos 34 artigos de opinião (de alunos) publicados em 14 jornais que participaram no Concurso Nacional de Jornais Escolares promovido pelo *Público* (2008/2009) intitulado: “Por que é que a política também é para nós?”

A análise foi conduzida com três grandes questões de fundo: Como é que esta inter-relação com os media em espaço escolar pode contribuir para a construção de uma relação entre os alunos e a cultura cívica? Em que contextos, nomeadamente entre pares e na família, os jovens se habituam a falar de notícias? A participação nos media noticiosos implica uma forte relação com o digital?

A actualidade como fonte de preocupação cívica

Se pensarmos que temas como o desemprego, como refere Bhavnani, são implicitamente políticos, então os discursos dos entrevistados que participam em jornais escolares sobre assuntos que os preocupam estão impregnados de política.

O desemprego/crise, a política, a educação, a saúde e a segurança são os temas que os jovens entrevistados mais referenciaram. As menções ligaram-se, principalmente, ao microcosmo das relações pessoais, por exemplo o desemprego, também associado a casos em que os pais estavam

desempregados ou ao medo de que num futuro próximo eles mesmos sejam desempregados, e a educação, relacionando-a com temas que têm directamente que ver com a vida dos alunos nas escolas.

“A crise económica vem influenciar tudo, monopoliza praticamente todas as decisões do governo. A forma como o governo está a lidar com ela... é uma opção, eu pessoalmente não tenho uma decisão formada, mas pelo que tenho visto é uma boa opção.” (rapaz, 18 anos)

“Talvez o desemprego. Não só por parte dos adultos mas também por parte dos jovens, até por uma perspectiva de futuro. Também por causa da minha mãe... e também me preocupa ter um curso e não ter como trabalhar nele.” (rapariga, 16 anos).

A política tradicional surge-nos por via de diversos assuntos diferentes que são enquadrados por eles mesmo como sendo assuntos políticos, associados a um certo descontentamento que têm em relação ao tema. Todas as entrevistas foram feitas no Porto e no Grande Porto, pelo que são notórias referências à região e sua contraposição em relação ao principal pólo de poder nacional.

“E agora que temos uma maioria relativa no governo preocupa-me o facto de se estar a sobrepor as ideologias às ideias. [...] Por exemplo, [no Parlamento] quando fala o Partido Comunista, todos os que estão à sua esquerda estão a ver o computador ou a ter conversas paralelas. Ninguém liga. Só ligam as pessoas a cores, as pessoas a ideologias, e tudo o que sair da boca delas para elas já está rotulado como errado, porque só as suas ideias é que são competentes.” (rapaz, 17 anos)

“Bem, ao nível da política acho que sempre me interessou o tema da regionalização. Penso que nós, a cidade do Porto, é muito... está num patamar muito inferior a Lisboa a determinados níveis.” (rapariga, 16 anos)

Na educação os temas estão directamente relacionados com o nível de ensino: o estatuto do aluno, o regime de faltas e a burocracia. Em termos de segurança, embora muito ligado à comunidade escolar, foi indicado o *bullying*. A entrevistada que assinalou este assunto reconhece que o fenómeno já existe há muito, mas assinala que se tornou mais evidente através das notícias televisivas. Sendo este também um ponto a salientar: a percepção da mediação da informação e da sua conseqüente relevância.

“Eu acho que o tema social que me chamou a atenção – porque apesar de já ocorrer há muitos anos só agora está a ser aprofundado – é o bullying nas escolas. Acho que isso é importante porque é uma realidade que já existe há muitos anos. Mas só agora é que se descobriram casos que foram à televisão.” (rapariga, 16 anos)

Duas raparigas assinalaram a preocupação com a saúde, relativamente à Gripe A e também ao facto de em Portugal haver uma clivagem acentuada entre interior e litoral em termos de cuidados de saúde. Uma das entrevistadas mais novas referiu a saúde, dizendo explicitamente que sabe que este ainda não é um tema que a preocupe pessoalmente, mas que a faz pensar nas disparidades entre o interior e o litoral. As artes só foram referidas por uma das entrevistadas.

“Como costume dizer, em Portugal há portugueses de primeira e portugueses de segunda. Há portugueses que estão a cinco minutos de um hospital e há portuguesas a uma hora, que têm imensas dificuldades. Acho que isso é preocupante e o sinal de um atraso enorme do nosso país. Existe uma preocupação cada vez maior de tentar segurar as pessoas no interior, mas as questões de saúde são importantes. Uma das questões que me fazia não ir viver para o interior era precisamente essa.” (rapariga, 15 anos)

Os entrevistados entenderam a preocupação com a política e as problemáticas sociais de uma forma alargada. Já os temas encontrados nos jornais que corresponderam ao desafio do concurso de jornais escolares do *Público* centraram-se mais em questões do foro da política tradicional. Destacou-se, designadamente o discurso centrado no voto e no descrédito e desinteresse na política, mas também nas questões escolares. Há, ainda, referência aos media e uma percepção de que a informação dos media noticiosos está relacionada com a capacidade para os jovens estarem informados para melhor participarem.

“Desinteresse dos jovens pela política” (título, rapaz)

“Estamos à Espera que Alguém Governe por Nós?” (título, rapaz)

“Não será necessário incentivarmo-nos a ser activistas? A estarmos a par da actualidade?” (título, rapaz)

“Jovens não rima com política” (título, rapariga)

“... considero que, hoje em dia, a política está completamente descredibilizada aos olhos dos jovens. As campanhas eleitorais não passam de críticas mútuas entre os partidos, deixando para segundo plano o que realmente importa: os ideais de quem faz a política e as soluções para os problemas que afectam a sociedade” (rapariga)

“Ser cidadão! Política ou não?” (título, rapaz)

“...o grande problema está em despertar o interesse dos jovens de modo a que estes adiram e participem activamente na política. Para que esta se verifique, em primeiro lugar é necessário que os jovens tenham pleno conhecimento do funcionamento da sociedade e principalmente das instituições que a constituem e de como poderão nela intervir. Como jovem verifico que para poder participar activamente na sociedade onde me insiro os meios são poucos e a informação está demasiado burocratizada.” (rapaz)

“Tantas reformas educativas, tanta preocupação com a educação sexual, tanta valorização do conceito da palavra Cidadania, [...] mas de educação política nada. Será que os actuais políticos têm medo de nos abrir os olhos?” (rapaz)

“O jovem deve estar sempre atento às notícias e aos debates políticos para, quando chegarmos à idade adulta, sermos cidadãos bem informados.” (rapaz)

“Que legitimidade tem alguém que critica sentado no sofá ao ver as notícias, se realmente não sabe o que se passa na realidade e nem actua?” (rapaz e rapariga)

Qual a importância do jornal escolar para os próprios alunos?

Todos os rapazes entrevistados escrevem artigos de opinião, assumindo-se mais talhados para esta tarefa do que para a produção de notícias ou reportagens. As raparigas dividem-se entre várias funções, como a escrita da opinião, da notícia e da reportagem. Os elementos que promovem a participação no jornal escolar são diversos. Desde a vontade de enaltecer uma opinião pessoal até à possibilidade de contribuir para um debate entre alunos e na comunidade escolar, passando pela oportunidade de aprender a fazer jornalismo, especialmente por parte de raparigas.

“Eu tenho muito jeito para a crítica, faço as crónicas do jornal. O jornal tem parte da escola e parte de actualidade. Nas minhas crónicas tento falar das coisas da escola para as pessoas se verem nas situações e perceberem mais dos assuntos, perceberem mais das situações sobre as quais escrevo, procurar ter essa vontade.” (rapaz, 16 anos)

“O jornal é como um treino para a profissão que quero ter. Isso é uma boa maneira a nível prático para treinar a escrita, que tem de ser treinada, pois há erros fatais. Mais uma vez reforça a minha

participação no grupo escolar, pois tenho de ir aos acontecimentos, escrever e publicar. Também orienta a minha opinião pública, porque também faço artigos de opinião.” (rapariga, 16 anos)

Entre os jornais escolares onde escreviam os entrevistados, além dos jornais de iniciativa institucional da escola havia jornais de associação de estudantes e de iniciativa dos próprios alunos (estes sem retaguarda de professores ou associação de estudantes). Um deles é um jornal de turma espontâneo e feito sem que o resto da comunidade tenha conhecimento oficial da sua existência.

Este último surgiu de uma discussão acesa na sala de aula que tinha a necessidade de continuar fora desse espaço. Inicialmente era impresso e, depois, por uma questão de custos, passou a ser distribuído por e-mail. Qualquer um dos alunos podia argumentar e contra argumentar dando a sua opinião. Este espaço foi também considerado um ponto importante de discussão entre os alunos, numa altura em que isso não é tão viável na sala de aula.

“... nós agora, na escola, já quase não temos tempo nem vontade para debater as nossas ideias. O jornal deu para cada um dizer o que achava sobre cada coisa. Por exemplo, eu escrevia um tema e se alguém não estivesse de acordo... dava a sua opinião e escrevia. Assim, deu para nos conhecermos também.” (rapariga, 14 anos)

Os alunos têm opiniões formadas sobre a qualidade e sobre a existência ou não de liberdade de expressão no jornal escolar em que se inserem. Os cinco alunos dos dois jornais de iniciativa deles sentem-se mais livres para expressar as suas opiniões. É neste grupo que se nota menos uma influência e interligação entre as disciplinas e o jornal, a ideia é pensar em temas, escolares ou não, e debatê-los.

Nos outros casos em que o jornal não surgiu da iniciativa dos alunos, os discursos tendem a identificar a dependência da opinião do professor e da escola nestes projectos de jornalismo na escola.

“...em contextos de sala de aula, tinha de ter cuidado com o sentido do texto, é sempre preciso um cuidado especial por estarmos numa escola. Não se pode abrir demasiado os horizontes.” (rapariga, 15 anos)

Quando se fala de notícias

Quando questionámos os entrevistados quanto aos contextos em que as notícias são comentadas em casa, verificámos que os jornais televisivos, em especial os da noite, continuam a ser pretextos primordiais para conversas com as notícias entre pais e filhos.

Este é um assunto ao qual pretendemos dar uma atenção mais aprofundada em análises futuras. De qualquer modo, a observação inicial indica que nas famílias onde as conversas são espaços de participação dos filhos, estes tendem a apresentar não só diversos níveis sobrepostos de participação como também são os que usam mais a internet como espaço de participação. Os contextos familiares apresentam-se como espaço de promoção de pontes de conhecimento e nos quais é importante promover o conhecimento, no online e no offline. “Terá de ser feita uma aposta continuada da promoção da literacia junto das famílias uma vez que constituem um importante espaço de potenciação dos usos do digital entre as diferentes gerações.” (Brites, 2010: 187)

“Ao pequeno-almoço o meu pai chama-me à atenção para um tema e eu: ‘A sério?!’ E depois vou à internet e assim tenho mais bases para discutir com ele.” (rapariga, 15 anos)

“Sinto que muitos colegas não estão a par [das notícias], principalmente por causa dos pais. Os pais e a família influencia muito. Quando uma família já não acredita no sistema político, os jovens apreendem isso tudo e acabam por, eles mesmo, terem essa atitude perante a vida política.” (rapariga, 15 anos)

A participação nos media e a relação com o digital

Num mundo tão centralizado no online, uma questão que pode ser colocada a quem lê este trabalho é: por que motivo analisar jornais escolares, tanto mais que são essencialmente projectos em papel? A nossa convicção é que estes continuam a ser projectos da maior relevância, até pela vantagem simbólica de escrever num jornal em papel. O jornal de turma, ao qual já nos referimos, que agora é divulgado através de e-mail começou por ser impresso, tendo os alunos resistido aos custos que isso implicava o máximo de tempo. O facto de as suas ideias estarem impressas era tido como aspecto valorativo.

Quase todos os jornais analisados têm uma presença na internet, porém é uma presença estática, com *pdf*, principalmente. Só um tem um blogue onde se diz que contribui para o jornal clássico. As notícias que aqui se encontram são sobretudo relacionadas com acontecimentos da escola, como visitas, eventos, eleições. Serão estes os temas que interessam aos alunos?

Só um terço dos entrevistados já participou em outros jornais fora do contexto escolar (todos eles são activistas políticos), duas raparigas alimentam blogues (uma de partido político outra um blogue pessoal onde escreve sobre questões pessoais) e apenas um deles disse considerar o Facebook um espaço de produção noticiosa (é membro de partido político).

A identificação dos espaços digitais como meios de participação ainda esteve muito ausente dos discursos e foi usada pelos elementos com maiores graus de participação.

“Acho que os jovens têm uma tendência para o mundo associativo. Identificaria em primeiro lugar o online, desde blogues oficiais, blogues de discussão política, partidários ou não. Como pro-actividade colocar uma notícia no Facebook. No outro dia fiz isso (a propósito do casamento homossexual) e estive três a horas a responder a comentários. Fiz um comentário simples de duas ou três linhas, entraram logo dois comentários, eu fui respondendo, e a entrar num debate online, com pessoas que eram minhas amigas no Facebook. Viram o comentário e responderam. Até chegámos a combinar um café para discutirmos aquilo.” (rapaz, 18 anos)

“Não é blogue pessoal [é de uma juventude partidária], é um blogue vocacionado para os jovens do ensino secundário e é um blogue onde expomos os nossos pontos de vista, o que mais nos preocupa. É um sítio com ligação aos ideais da juventude, mas não é condicionado.” (rapariga, 15 anos)

Notas conclusivas

Entre este grupo de entrevistados, seleccionado entre um grupo maior de entrevistados que apresentam outras formas de participação diferentes da participação em jornais escolares, todos foram capazes de identificar assuntos políticos e sociais que os preocupam na actualidade.

Neste grupo, a possibilidade de fazer parte de um jornal escolar é tida como uma oportunidade de se prepararem para serem jornalistas e também de terem uma voz na comunidade escolar, e mesmo de serem reconhecidos nessa comunidade.

Foi nos jornais com actuação mais forte dos professores que encontrámos o discurso de que o jornal não permitia que os alunos expressassem livremente as suas opiniões.

Quanto à participação em outros projectos jornalísticos fora da comunidade escolar, só os jovens que também têm compromissos políticos vinculados foram convidados a participar em media de expansão regional.

Assim, consideramos que é importante promover jornais escolares principalmente feitos por alunos. É uma tarefa mais difícil de conduzir, mas mais proveitosa, uma vez que fomenta a liberdade de expressão, sendo, pelo que percebemos, fácil aos alunos distinguir os projectos mais livres dos mais autoritários.

Apesar de os alunos ainda considerarem que jornal impresso tem outra solenidade, o ideal seria que o online fosse mais do que uma transposição do *pdf* da edição impressa. E, porque não?, impulsionar mais os jornais online, genuínos e feitos de raiz no online. A promoção de uma maior relação com o digital tem inúmeras vantagens, embora isso não signifique o corte com o papel.

A participação noutras media que não os escolares é de difícil acesso, mas poderia haver benefício num reforço dessa ligação, que poderia favorecer o conhecimento que os jovens têm do mundo e ainda a sua ligação mais duradoura ao jornalismo. Os espaços familiares de diálogo são também elementos fundamentais nestes processos, devendo também estes ser espaços de intervenção de políticas públicas.

Referências bibliográficas

- Abrantes, Pedro (2003). "Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade" *Sociologia - Problemas e Práticas* 41: 93-115.
- Brites, Maria José (2010). "Jovens (15-18 anos) e informação noticiosa: a importância dos capitais cultural e tecnológico". *Estudos em Comunicação*, nº 8 – Dezembro 2010.
<http://www.ec.ubi.pt/ec/08/pdf/EC08-2010Dez.pdf>
- Buckingham, David (2006). *The Making of Citizens: Young People, News and Politics*. Londres e Nova Iorque, Taylor & Francis e-Library.
- Camargo, Eliana Nardelli de (2006). *Formação de Professores no Programa Jornal, Escola e Comunidade*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Faustino, Paulo, Martinho, Rui, et al. (2007). *Como utilizar a Imprensa na escola*. Lisboa, Formal Press.
- Freinet, Célestin (1974). *O Jornal Escolar*. São Paulo, Editorial Estampa.
- Frau-Meigs, Divina (2008). *Media Education. Crossing a Mental Rubicon. Empowering through mMedia Education: an intercultural dialogue*. Ulla Carlsson, Samy Tayie, Jacquinet-Delaunay, Geneviève e Tornero, and José Manuel Pérez. Gotemburgo, The International Clearinghouse on Children, Youth and Media/Nordicom.
- Gonçalves, João Carlos Brandão (2007). *Jornal escolar: da periferia ao centro do processo educativo*. 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Holden, Cathie e Clough, Nick (2000). *Children as citizens: education for participation*. London, Jessica Kingsley Publishers.
- Hume, Anne (2009). *Promoting higher levels of reflective writing in student journals*. *Higher Education Research & Development*, Routledge. 28: 247-260.
- Magalhães, Pedro e Moral, Jesus Sanz (2008). *Os Jovens e a Política*. Lisboa, Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa.
- Milner, Henry (2009). *Does Civic Education Boost Turnout? Civic Education and Youth Political Participation*. Print, Murray e Milner, Henry. Roterdan, Boston and Taipei, Sense Publishers.
- Milner, Henry (2008). "The Informed Political Participation of Young Canadians and Americans." *CIRCLE Working Paper* 60.
- Milner, Henry (2002). *Civic Literacy: how informed citizens make democracy work*. Hanover e Londres, Tufts University.
- Milner, Henry (2001). "Civic Literacy in Comparative Context: Why Canadians Should be Concerned." *Choices* 2 (2).
- Milner, Henry, Loewen, Peter John, et al. (2007). "The Paradox of Compulsory Voting: Participation Does Not Equal Political Knowledge." *IRPP*, November 2007. 8 (3).
- Novais Santos, Maria Manuela (1999). "From the Newspaper to the 'News-screen' in Portuguese Schools." *Educational Media International* 36(1): 49.
- Pinto, Manuel (1995). *A Imprensa e a Escola: Vantagens do diálogo*. A Imprensa, a Rádio e a Televisão na Escola. José Carlos Abrantes, Cristina Coimbra, Teresa Fonseca. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Ribeiro, Ana Bela e Menezes, Isabel (2009). *Fact or just news? An analysis of digital citizenship of European youth*. *Buildings Telling European Heritage: Pedagogical Perspectives*. António

Gomes Ferreira e Margarida Louro Felgueiras. Porto, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX - CEIS20.

Tomé, Vítor Manuel (2008). "Vamos fazer jornais escolares": um contributo para o desenvolvimento da educação para os médias em Portugal Instituto de Educação. Lisboa, Universidade de Lisboa.

Yuste, J. Luis González (2007). Variáveis da Educação da a Comunicação. Comunicação e Educação na Sociedade da Informação: Novas Literacias e Consciência Crítica. Tornero, José Manuel Pérez. Porto, Porto Editora.

Documento:

A Convenção sobre os Direitos da Criança, 1989.

